

Qua, 18 de Julho de 2012.
08:14:00.

O GLOBO | SEGUNDO CADERNO
ANCINE | AGÊNCIA NACIONAL DE CINEMA

O negócio é série

Inexistente há uma década, a produção de seriados de animação brasileiros se firma com 30 novos projetos, infantis e adultos

Rodrigo Fonseca
rodrigo.fonseca@oglobo.com.br

RIO - Considerada uma fantasia há dez anos, quando, pela primeira vez, foi tema de debate no festival Anima Mundi, a produção de séries de animação brasileiras para a TV hoje é uma realidade expressa por dez títulos no ar e cerca de 30 já em desenvolvimento para entrarem no ar até 2014. Do Pará ao Rio Grande do Sul, animadores antes restritos a curtas-metragens e à publicidade hoje investem sua mão de obra na criação de seriados, com temas variados, para crianças e adultos. Não faltarão bichos falantes e seres mágicos como os monstros de "Historietas assombradas (para crianças malcriadas)", de Victor-Hugo Borges. Mas haverá também aventuras de entregadores de pizza - caso do baiano "Tio Mussarela", de Claudio Guido -, sitcoms onde homens tentam conquistar mulheres de 4 metros de altura - "As Grandonas", do paranaense Almir Correia -, e até uma versão de um clássico longa nacional, "Macunaíma" (1969), de Joaquim Pedro de Andrade, cujo visual se inspira na arte do cartaz do filme.

- A demanda de animação para televisão paga hoje é muito maior que a direcionada ao cinema. Na linha de produção para televisão do Fundo Setorial do **Audiovisual**, 40% das obras apoiadas nos últimos três anos são de animação - diz **Glauber Piva**, diretor da Agência Nacional de **Cinema (Ancine)**, coordenadora das principais políticas de fomento para o setor.

Lei muda a rotina da TV a cabo

Com o apoio de emissoras como Cartoon Network, Discovery Kids e Nickelodeon, a explosão de projetos no formato pode dobrar a partir de setembro, quando começam a ser aplicadas na prática as regras da lei 12.485, sancionada há dez meses, cujo texto obriga canais por assinatura a exibir programas brasileiros através de cotas.

- A lei será mais um estímulo às séries animadas nacionais. Como existem hoje muitas modalidades de fomento, como o Fundo Setorial do **Audiovisual**, as ações do BNDES e os editais estaduais e municipais, saímos do zero para dezenas de projetos, possibilitando a criação de uma indústria - explica César Coelho, um dos diretores do Anima Mundi, cuja 20ª edição segue no Rio até domingo.

Coelho lembra que, até os anos 2000, a única produção seriada de animação nacional, ligada aos quadrinhos da "Turma da Mônica", era voltada para VHS e **DVD** e não tinha o volume de produção dos projetos atuais, discutidos ontem, numa palestra do Anima Mundi sobre a sustentação comercial de projetos brasileiros para TV. Envolvido na criação do seriado "Os elementos", que tem a matemática como foco, ele lembra que, em 2009, a estreia de "Peixonauta", no ar no Discovery Kids, no SBT e na TV Cultura, abriu precedente para o boom atual.

- Na década de 1990, a gente já procurava as TVs. Mas por anos, nós, animadores brasileiros, incorremos num erro: levar a emissoras orçamentos que não podiam competir com a concorrência estrangeira - diz Kiko Mistrorigo, criador do "Peixonauta", com Celia Catunda. - Nossa série custa R\$ 5 milhões. É um orçamento que só é viável se você não prende a uma só venda, fechada a um canal. "Peixonauta" hoje corre por 72 países. Em sua segunda temporada, a série é exibida em vários canais, numa mecânica que viabiliza o projeto, escalonando bem os contratos de exclusividade com as emissoras.

Em sua produtora, a TV Pinguim, Mistrorigo hoje se empenha na criação dos projetos "Luna chamando" e "Gemini 8". Ele explica que a mecânica responsável pelo aumento da produção veio da troca com produtores estrangeiros. O intercâmbio foi viabilizado por iniciativas da Associação Brasileira de Produtoras Independentes de Televisão (ABPITV), como o RioContentMarket, feira da produção audiovisual, realizada em fevereiro. Destaca ainda o próprio Anima Mundi, que, na última década, fomentou debates sobre como o roteiro de séries animadas poderia se encaixar no padrão nacional de teledramaturgia.

- Por anos, o conteúdo da TV no Brasil foi prioritariamente produzido pelos próprios canais, que criaram estruturas internas para alimentar sua grade. A relação com a produção independente é a novidade - diz a gaúcha Marta Machado, da Otto Desenhos, que hoje produz a série "Boa noite, Martha", com direção de Vivian Altman, para a TV Cultura.

A movimentação na TV a cabo por causa da lei 12.485 também desperta o interesse das TVs abertas.

- Existe uma explosão de qualidade e quantidade na produção de séries animadas no Brasil que se encaixa na vocação de uma TV pública: estimular a produção independente - diz Berenice Mendes, de gerente de licenciamento da TV Brasil.

Em junho, a estreia de um novo canal infantil a cabo, o Gloob, abriu mais uma porta para os animadores, que já começam a produzir sob a comenda das emissoras pagas. É o caso de "O irmão do Jorel", criada para o Cartoon Network por Juliano Enrico, do Espírito Santo, um dos polos menos conhecidos do cinema nacional.

Produtoras de longa em campo

Produtoras de longas blockbusters já investem no setor animado de séries. A Conspiração prepara "Terra Prometida", de Andrucha Waddington, sobre sobreviventes do nazismo refugiados no Brasil, e "Eu e Meu Guarda-Chuva", que Toni Vanzolini prepara a partir do longa de sua autoria. Já a LC Barreto faz dois projetos ecológicos, "Amazônia" e "Floresta da Tijuca".

- O gasto que eu teria filmando a história da Amazônia com atores, em locações reais, é muito menor na animação - explica Paula Barreto.

Ao emplacar na TV, uma série pode render a seus produtores mais do que audiência.

- Desde sua estreia, em 2010, "Meu AmigãoZão" já gerou mais de 150 produtos licenciados, entre bichos de pelúcia, mochilas e figurinhas - diz Andrés Lieban, cuja série é exibida no Canadá e na América Latina.

Preparando para lançar em setembro no Canal Brasil a série "Tosco TV", recuperando os personagens de seu curta "Deus é pai", o diretor Allan Sieber só espera que o boom das séries não esbarre na censura televisiva:

- Além de verbas, é preciso haver liberdade para a animação criar sem pisar em ovos.